

Foro de São Paulo: uma nova Internacional Comunista na América Latina?

*Cleber Monticelli Petró **

Resumo: O presente artigo pretende problematizar o Foro de São Paulo, criado em julho de 1990, atendendo a convite do Partido dos Trabalhadores com o objetivo de debater a nova conjuntura pós-queda do Muro de Berlim e desintegração da URSS, bem como propor alternativas ao modelo neoliberal que predominava na América Latina. O resgate histórico de algumas das associações de trabalhadores é realizado para a melhor compreensão do debate na esquerda em diferentes períodos. Em síntese o texto aponta para a necessidade de se estudar o Foro como um espaço de debate sobre o socialismo no século XXI e as contradições presentes neste processo.

Palavras-chave: Foro de São Paulo, socialismo no século XXI, América Latina.

Abstract:

This article aims to problematize the Forum of Sao Paulo, created in July 1990, given the invitation of the Workers' Party in order to discuss the new situation after fall of the Berlin Wall and disintegration of the USSR, and propose alternatives to the model neoliberal that prevailing in Latin America. The redemption of some of the historical associations of workers is carried out for the better understanding of the debate on the left at different times. In summary the text points to the need to study the Forum as a forum for debate on socialism in the XXI century and contradictions in this process.

Keywords: Forum of Sao Paulo, socialism in the twenty century, Latin America.

Durante o século XIX os trabalhadores organizados da Europa, principalmente os do setor têxtil, percebem a necessidade de construir uma organização que desse conta do enfrentamento contra o modo de produção capitalista à nível mundial. Neste sentido é criada no dia 28 de setembro de 1864, na cidade de Londres, a I Internacional dos Trabalhadores, também conhecida como AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) estando em suas fileiras ativistas sindicais, anarquistas e socialistas. Como coloca (Jakobsen, 2008) a iniciativa surgiu exatamente a partir da necessidade de uma maior articulação dos trabalhadores deste setor industrial na Europa, pois ele se encontrava em crise devido à guerra civil americana que impedia a importação da principal matéria-prima, o algodão. A abertura do evento foi feita por Marx que lançou sua famosa conclamação de que “ a emancipação da classe operária deve ser feita por ela mesma”.

Neste período histórico haviam grandes discussões sobre as condições de trabalho e a necessidade da redução da jornada de trabalho. Com o decorrer do tempo

* Graduando em História pela UFSM. End. eletrônico: cleberpetro@yao.com.br

passam a haver divergências internas entre os anarquistas e Marx. A visão marxista foi a que mais ganhou defensores entre os trabalhadores, principalmente nos países mais industrializados do Norte da Europa. No terceiro Congresso da AIT, realizado em Haia na Holanda em 1872, decidiu-se mudar a sede da I Internacional para New York visando escapar do ambiente de perseguição na Europa naquela época. Porém, o que vai ocorrer é a decadência da organização, sendo que em 1876 acontece o último Congresso da AIT.

Em decorrência da comemoração dos cem anos da Revolução Francesa, em julho de 1889, reuniu-se em Paris um Congresso operário socialista com o intuito de criar uma nova organização para substituir a AIT, surgindo então a II Internacional dos Trabalhadores. O funcionamento dessa Internacional foi particularmente marcado pelas questões das conquistas políticas e econômicas do proletariado na época e de como se posicionar frente ao imperialismo ascendente. No entanto, o posicionamento sobre estas questões nunca foi unânime, pois a expansão da organização operária, mesmo no limite da Europa, não foi homogênea, acontecendo de forma diferente em cada região, dependendo da tradição sindical e partidária de cada país. Por exemplo, na Inglaterra, os sindicatos dos trabalhadores da indústria foram o veículo para estabelecer o Partido Trabalhista ; na Alemanha, o partido social democrata dirigia as organizações sindicais e na França, socialismo e sindicalismo se desenvolveram paralelamente. (Jakobsen, 2008).

Na década de 1890 a Internacional decidiu excluir os anarquistas da organização, devido às divergências quanto à ação política, pois para eles a Internacional não deveria participar de eleições, nem participar em qualquer cargo dos aparelhos estatais. Devido às grandes diferenças no desenvolvimento do capitalismo em cada país há uma dificuldade da II Internacional funcionar como um Partido Internacional, sendo que até 1905 não teve sequer uma secretaria-geral. Passou a acontecer no seio do movimento um debate entre os reformistas e os socialistas revolucionários, tendo como principal exemplo a divergência no SPD alemão entre o revisionismo de Eduard Berstein e a maioria do partido, liderada por August Bebel.

Posteriormente à revolução russa de 1917, o PCUS (Partido Comunista da União Soviética) convoca um Congresso no ano de 1919 em Moscou para criar um movimento de apoio ao processo revolucionário em desenvolvimento. A maioria dos participantes eram de tendências internas mais à esquerda dos partidos social-democratas insatisfeitos com os rumos do reformismo. É criada então a Internacional Comunista (Comintern)

conhecida como III Internacional. A análise de conjuntura do momento apontava para a rápida expansão da revolução comunista para os outros países da Europa, visto estes serem mais desenvolvidos que a própria Rússia. O papel do Comintern era de orientar a construção da revolução mundial. Porém, as revoluções fora da URSS não dão certo. Diante disto o papel dos PCs passa a ser o de defender as conquistas da União Soviética, tornando-se os partidos comunistas dos diversos países em “Seções da Terceira Internacional”. Em resposta aos governos da social-democracia o Comintern adota a estratégia das Frentes Únicas, onde estariam somente os partidos revolucionários “puros”. Porém com a ascensão do fascismo e do nazismo na Europa a estratégia é mudada para as Frentes Populares Anti- Fascistas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e as Conferências entre Inglaterra, URSS e EUA para debater os rumos da política internacional Stálin procura se apresentar o mais confiável possível perante as nações capitalistas. Para tal aproxima-se do Vaticano e da Igreja Ortodoxa, além de extinguir a Comintern.

Cabe ainda mencionar a IV Internacional que surgiu como uma articulação de partidos e agrupamentos políticos que se assumiram como “Troskistas”. Trotsky e os militantes que o apoiavam avaliando a incapacidade da III Internacional de levar a revolução adiante devido à política conciliatória das Frentes Populares e da estratégia da revolução em um só país, decretaram o seu fracasso e propuseram a criação de uma nova Internacional, a Quarta, num congresso realizado em Paris em 1938. No entanto, os Trotskistas, não conseguiram manter a IV Internacional como uma organização unitária e nem construir partidos e organizações de massa com grande representatividade.

No decorrer do século XX serão muitas as tentativas dos diferentes grupos de esquerda de organizar à nível mundial os trabalhadores. Porém as divergências não permitem que nenhuma assuma um caráter verdadeiramente mundial, principalmente a partir das revoluções Chinesa, Cubana, que aprofundam diferentes estratégias e táticas para se chegar ao socialismo.

Outro movimento importante de ser citado é dos anti-colonialistas que possuíam um caráter nacionalista e se forjaram nas lutas pela independência, muitos através da luta armada dirigida por líderes socialistas como Ho Chi Min no Vietnã, Ahmed Bem Bella na Argélia, Agostinho Neto em Angola, Samora Machel em Moçambique, etc. A partir daí surge o Movimento dos Países Não Alinhados (MPNA), oficializada na

Conferencia Ásia-África, convocada pelos governos da Birmânia, Ceilão, Índia, Indonésia e Paquistão, realizada em Bandung na Indonésia no ano de 1955.

No ano de 1951, os partidos social democratas fundam a Internacional Socialista (IS) em Congresso realizado em Frankfurt na Alemanha e a reivindicavam herdeira da II Internacional embora como coloca (Jakobsen, 2008) na prática a IS sempre foi favorável ao reformismo democrático e era profundamente anticomunista. As tentativas dos socialistas do sul da Europa como os franceses e italianos de inserir alguma terminologia marxista na Declaração de Princípios foram rechaçadas, inclusive partidos como o PSI Italiano não puderam se filiar enquanto estiveram aliados ao PCI.

Com a queda do Muro de Berlim e da URSS os debates dentro da esquerda e do próprio marxismo se intensificam. As organizações socialistas e comunistas passam por uma grave crise de identidade, momento oportuno para que intelectuais ligados ao capitalismo decretassem o “fim da história” onde o máximo que se poderia chegar seria a um capitalismo mais humano. Na América Latina surge um espaço para a esquerda, o Foro de São Paulo.

Representantes da maioria dos movimentos e organizações de esquerda latino-americanos (inclusive os partidos comunistas) encontraram-se em São Paulo, em julho de 1990, a convite do Partido dos Trabalhadores brasileiro. O manifesto que resultou desse encontro oferece testemunho de que a maior parte da esquerda conseguiu chegar a um acordo a respeito de algumas idéias que terão importância decisiva para o futuro dos movimentos trabalhistas e populares do continente: a necessidade de unidade, o desejo de transformação antiimperialista e socialista da América Latina e a importância da democracia e dos direitos humanos. Exibe a influência não apenas da crise na Europa Oriental, mas, particularmente, da experiência sandinista (apesar de a FSLN não ter podido comparecer) e da perspectiva socialista do PT em toda a esquerda latino-americana. (LÖWY, 2003).

As concepções fundamentais do Foro podem ser conhecidas através da Declaração Final do Primeiro Encontro, documento que ficou conhecido como Declaração de São Paulo. Alguns trechos podem nos mostrar melhor que contexto é esse: “Inédito pela sua amplitude e pela participação das mais diversas correntes ideológicas de esquerda, o encontro reafirmou na prática a disposição das forças de esquerda, socialistas e antiimperialistas do subcontinente de compartilhar análises e balanços das suas experiências e da situação mundial. Assim, abrimos novos espaços

para responder aos grandes desafios que hoje se apresentam aos nossos povos e aos nossos ideais de esquerda, socialistas, democráticos, populares e antiimperialistas”.

A partir deste documento podemos perceber que a pauta principal do período é a discussão sobre a necessidade de construção de um modelo econômico, político e social diferente do neoliberalismo, que no caso especial da América Latina causa sérios prejuízos ao patrimônio de cada país. O I Encontro aponta ser o início de um diálogo que deve se estender entre os grupos progressistas do continente visando elaborar propostas consensuais de unidade na ação política com o objetivo de resolver os problemas impostos pelo neoliberalismo. Outro ponto interessante é que é realizada a crítica ao que se chama de “burocratismo soviético”, referindo-se à distorção que foi cometida ao longo do século XX em relação à revolução comunista, mas por outro lado também é realizada a crítica aos intelectuais e políticos que aproveitam a crise da Europa Oriental para argumentar que o sistema capitalista é o único possível para o futuro da humanidade. Há crítica à proposta de “integração americana” de Bush, que no final do século XX se concretizaria no projeto de implementação da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), mas que acabará sendo recusado pelos países latinos, no caso do Brasil em plebiscito realizado no ano de 2002. É realizada a defesa da autonomia do povo cubano e defesa dos sandinistas na Nicarágua, assim como é questionado o intervencionismo e apoio ao militarismo em El Salvador, na invasão e ocupação militar norte-americana no Panamá, nos projetos e tentativas de militarizar regiões dos Andes, com uma desculpa que vem em ritmo crescente até os dias atuais: combate ao “narcoterrorismo”. Propõe as bases de um novo conceito de unidade e integração regional baseado na soberania e auto-determinação dos povos e nações da América Latina, pela plena recuperação da identidade cultural, impulso à solidariedade internacionalista. Aponta também para o fim da evasão e da exportação de capitais do subcontinente, o enfrentamento em conjunto do não pagamento da dívida externa.

A última parte da Declaração termina da seguinte forma : “ aprendemos com os erros cometidos, assim como com as vitórias alcançadas. Armados de um inegociável compromisso com a verdade e com a causa de nossos povos e nações, começamos a andar, certos de que o espaço que agora abrimos o preencheremos junto com as demais agrupações de esquerda latino-americanas e caribenhas com novos esforços de intercâmbio e de unidade de ação como alicerces de uma América Latina livre, justa e soberana.”

Neste I Encontro estiveram presentes 48 organizações. No II Encontro, na cidade do México, o número aumentou para 68 organizações, representando o total de 22 países, além de participarem como observadores organizações dos EUA, Canadá e Europa. Neste encontro há uma resolução especial em relação aos 500 anos de resistência indígena e popular, em contraposição aos festejos oficiais do V Centenário do “descobrimento”. Ao final do Encontro é formado o Grupo de Trabalho do Foro, responsável por realizar as articulações entre um congresso e outro objetivando dar praticidade às deliberações.

No III Encontro ocorrido em Manágua tendo como anfitrião a FSLN, participaram 62 organizações do continente além de forças políticas do restante do mundo. Neste se analisou em particular a responsabilidade crescente da esquerda latino-americana, apontando para a necessidade de se construir opção de governo baseada na unidade da esquerda para alcançar o governo e governar.

No IV Encontro, ocorrido em Havana, contando com a presença de 112 organizações membro e 25 observadores da região, mais 43 organizações da América do Norte, Europa, Ásia, África e Oceania se aprofundou o debate sobre o tema da democracia política, concebida como um produto histórico de combate dos povos e um espaço de criação permanente de novos direitos mediante a combinação de mecanismos representativos e formas de democracia participativa e direta, integrando lutas institucionais com lutas sociais e incorporando a pluralidade étnica e cultural, igualdade de gênero, etc. Também se debateu intensamente sobre a relação dos partidos de esquerda com os movimentos populares e sociais, em particular o movimento sindical, afirmando seu caráter autônomo e independente.

O V Encontro foi realizado em Montevideu e o VI em San Salvador. Neste momento o Foro já se constituía como um dos espaços mais importantes de reflexão coletiva, se destacando o esforço para internacionalizar a luta contra o neoliberalismo. O VII Encontro retorna ao Brasil no ano de 1997 agora em Porto Alegre, governada pelo PT. O VIII Encontro novamente na Cidade do México, o IX também retorna à Manágua e o X à Havana, em 2001.

Em dezembro de 2002 ocorre o XI Encontro na cidade de Antigua, Guatemala marcado pela recente vitória eleitoral do PT no Brasil, o que possui um significado muito forte, pois é justamente a principal organização fundadora do Foro de São Paulo. Um trecho da resolução final esclarece um pouco mais:

La reunión se efectuó bajo el impacto del triunfo del pueblo brasileño que consagró a *Lula Presidente*, con más de 52 millones de votos, expresión del amplio apoyo de fuerzas de izquierda, progresistas y democráticas. La conquista del gobierno en el mayor país del continente reafirma la validez de una política de alianzas de máxima amplitud y profundidad, conformada en torno al Partido de los Trabajadores con su programa de transformaciones sociales. Señalamos con satisfacción que la mayor parte de los partidos integrantes de la alianza tienen activa participación en el Foro de São Paulo desde su origen. *Lula Presidente* significa un punto de inflexión en el continente e insufla un poderoso aliento a todos los que luchan por la democracia en el plano político, económico y social. En Brasil, la esperanza venció al temor y permitió una victoria del “sí se puede” contra el pensamiento único. Fue un triunfo moral contra la corrupción, un punto de encuentro entre la ética y la política, una voluntad de cambio que llegó a todos los confines de ese inmenso país y se irradia a América Latina y el Caribe, abriendo perspectivas esperanzadoras a las luchas políticas y sociales que nuestros pueblos están llevando adelante contra las consecuencias nefastas de las políticas neoliberales, agravadas en el último período.

O XII se realizou em São Paulo em 2005, recordando os 15 anos de sua fundação. O XIII ocorre em San Salvador e o último se realizou no ano de 2008, na cidade de Montevideú, tendo debates sobre temas como recursos energéticos, relação com a China, Oriente Médio, conflitos na Bolívia.

Quando é criado o Foro de São Paulo não haviam muitos governos de cunho progressista na região da América Latina, sendo que a situação vai mudando aos poucos chegando aos dias de hoje com um quadro onde a maioria dos governos são formados por forças de esquerda, embora com um leque de alianças que está mais para centro-esquerda. Como exemplo temos a Venezuela, Brasil, Uruguai, Bolívia, Equador, Chile, Argentina, Nicarágua, Guatemala e mais recentemente o Paraguai.

A chegada destes partidos aos governos de seus respectivos países é paradigmática, pois de um lado representam o avanço de uma concepção contrária ao neoliberalismo, visto que estes presidentes se elegeram com uma votação popular extremamente alta. Por outro lado fica mais visível as contradições dos projetos implementados não dando conta das transformações que se propunham. Parece claro o papel fundamental que teve o Foro de São Paulo na construção deste projeto ideológico alternativo no continente, porém ele não pode se reduzir enquanto instância dos partidos e movimentos sociais de esquerda a sustentar as políticas dos governos de seus países, pois estes possuem contradições. Exemplo disto é o governo de Luís Inácio Lula da Silva no Brasil. No caso específico do PT torna-se fundamental aprofundar o debate sobre o que é o chamado “socialismo petista”, formulado e aprovado no 7º Encontro

Nacional do Partido, que ocorreu em maio e junho de 1990, por sinal o mesmo ano da criação do Foro, para que este não se torne uma espécie de “social democracia petista”.

O Foro de São Paulo tem como desafio continuar nas disputas dos processos políticos na região, sejam eleitorais sejam na organização e intervenção dos movimentos sociais, para que não corra o risco de ter sido apenas um espaço de construção de candidaturas a presidentes e deputados nos diversos países. Se isto ocorrer será algo muito semelhante com o que ocorreu com a Segunda e a Terceira Internacional. A Segunda Internacional acabou sendo um instrumento do reformismo social democrata dos países europeus, enquanto que Stálin fechou a III Internacional para demonstrar-se mais amigável aos países do eixo capitalista, o que se mostrou uma concepção equivocada tanto de partido quanto de movimento social, pois estes dois serviram simplesmente como correia de transmissão das políticas dos governos, perdendo seu papel fundamental que é o de disputar a sociedade rumo à perspectiva da esquerda e da revolução social. Aliás, este é um dos desafios centrais das organizações e partidos que compõem o Foro, pois num momento em que como coloca o presidente equatoriano Rafael Correa, vivemos “uma mudança de época” é fundamental não só apoiar os governos estabelecidos que sofrem ataques dos setores conservadores tendo como ator principal a mídia, mas também deve disputar os rumos deste governos.

Compreender a dinâmica atual das relações internacionais, especialmente entre Estados, exige compreender o capitalismo. Até porque, desde a crise geral do socialismo, cujo ápice se deu em torno de 1990, o capitalismo tornou-se mais hegemônico do que jamais foi. O capitalismo, suas origens, suas contradições internas, suas tendências de desenvolvimento, seus limites históricos são temas extremamente controversos, sobre os quais há pelo menos 150 anos de polêmica e diversas “escolas de pensamento”, muitas vezes antagônicas (POMAR, 2007).

Este fator é importante, pois reafirma a necessidade de se estudar o modo de produção capitalista para somente desta maneira poder superá-lo, assim como precisamos estudar as diferentes organizações que se propuseram a superar este modelo. Apenas a análise de resoluções de um Grupo de Trabalho não são suficientes para dar conta da complexidade das relações sociais. É preciso identificar até que ponto as resoluções do Foro são atendidas pelos governos cujos partidos compõem o Foro. As próprias divergências da organização são melhor compreendidas pelo contexto das forças sociais em disputa, sendo assim desde a I Internacional, quando divergiam anarquistas e comunistas sobre as estratégias a serem adotadas terminando com a

expulsão dos primeiros. Como já foi citado anteriormente o surgimento da III Internacional dá-se devido a divergências em relação a posições adotadas pela II Internacional. Embora o Foro de São Paulo não se proponha, a princípio, em ser uma organização de nível mundial os debates travados no seu interior dizem respeito a posições acerca dos rumos da esquerda mundial atual, inclusive com resolução que extrapolam questões do continente latino-americano. Nunca o capitalismo foi tão hegemônico e não há um modelo de socialismo a ser seguido, este projeto esta em construção e a América Latina dos dias atuais pelo que apresenta de avanços ou de contradições tem papel fundamental na formulação do socialismo do século XXI. O XIV Foro realizado em Montevideu este ano é um exemplo disto. Com a participação de 844 delegados de 35 países da América Latina e Caribe – ademais de convidados de outras partes do mundo –, o Foro foi concluído com a aprovação de uma Declaração Final que aponta para o chamado de que “seguiremos reafirmando nossa inquebrantável vontade de luta para conquistar a definitiva libertação de nossos povos e pelo socialismo”.

O Plenário do encontro também retificou a decisão de incorporação do PCdoB como membro efetivo do Grupo de Trabalho (GT) do Foro de São Paulo. Trata-se da instância de coordenação do Foro entre um encontro e outro, que busca coordenar ações e iniciativas comuns a forças de esquerda da América Latina e Caribe. Entre outras responsabilidades, caberá ao Grupo de Trabalho organizar as principais campanhas e iniciativas decididas na reunião de Montevideu. Destaca-se a necessidade de apoiar ao presidente boliviano Evo Morales no referendo de seu mandato no mês de agosto.

O documento final começa denunciando as ameaças que pairam sobre os povos do mundo, como as políticas de guerra e de agressões do imperialismo norte-americano. O texto denuncia as ameaças ambientais que estão gerando as mudanças climáticas no planeta, as ameaças de recessão mundial provocadas pela crise norte-americana e a crise mundial de alimentos, ameaçando com a fome muitos povos do mundo. Também denuncia um conjunto de ações do “bloco conservador” contra as mudanças, que possui diversas características. Em seguida o texto se solidariza com a Colômbia – chamando a uma saída negociada do conflito armado – e homenageia Cuba, às vésperas do aniversário dos 50 anos da Revolução Cubana. A declaração chama a convergência dos diversos processos de integração (Mercosul, Comunidade Andina, Caricom, Alba-TCP) e saúda a assinatura do Tratado Constitutivo da União Sul-americana de Nações

(Unasul) na última sexta-feira, em Brasília. Também se lê o apoio ao Banco do Sul e a proposta de criação do Conselho Sul-americano de Defesa.

Referências:

JAKOBSEN, Kjeld. A Internacional Socialista, suas origens e atuação contemporânea. 2008, digitado.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

POMAR, Valter. “Capitalismo, imperialismo e relações internacionais” In: FRATI, Mila. *Curso de formação em política internacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

Documentação completa do Foro de São Paulo (atas, resoluções, declarações). In: <http://www.midiasemmascara.com.br/links.php>. Acesso em DATA.